Sonhar e resistir:
Pensando alternativas de luta diante da distopia atual do Brasil 17

Dreaming and enduring: thinking on alternatives in front of the current dystopia Brazil 17

Livian Lino Netto, Júlia da Rocha Clasen, Aline Accorssi

Resumo: Este trabalho apresenta uma utopia a partir da política dos comuns. Para tanto, descrevemos o cenário brasileiro denominado Brasil 17 como uma distopia real em meio a pandemia do Covid-19. Tal descrição demonstra como o avanço neoliberal prioriza políticas de morte, na qual, salvar a economia é mais importante. Diante disso, os levantes populares na América Latina representam um ato de construção consciente da esperança. A luta política nesse contexto é uma exigência e, também uma possibilidade.
Palavras-chave: Distopia; utopia; política dos comuns; luta política**;** crise sanitária; esperança.

Abstract: This work presents a utopia based on the politics of the commons. Therefore, we describe the Brazilian scenario called Brazil 17 as a real dystopia in the midst of the Covid-19 pandemic. Such description demonstrates how the neoliberal advance prioritizes death policies, in which saving the economy is most important. Therefore, the popular uprisings in Latin America represent an act of conscious construction of hope. The political struggle in this context is both a requirement and a possibility.
Key Words: Dystopia; utopia; politics of commons; political struggle; health crisis; hope.

Introdução

Este texto apresenta uma perspectiva de pensar a esperança a partir dos levantes de Movimentos Sociais na América Latina frente ao avanço neoliberal da morte. Para isso, partimos do que nomeamos como distopia Brasil 17, que materializa algo que é próximo do absurdo, mostrando que a distopia não é a representação de um futuro, mas é uma realidade determinante da vida cotidiana. Como possibilidade utópica apresentamos o princípio político do comum a partir da ação coletiva dos movimentos, das lutas e de discursos que nos últimos anos, se opuseram à racionalidade individualista neoliberal em várias partes do mundo (DARDOT; LAVAL 2017), com enfoque nesta reflexão, sobre essas articulações a partir da América Latina.

No ano de 2021 vivenciamos uma pandemia mundial no Brasil[1], país de onde parte a análise realizada neste trabalho. É presenciada uma realidade de terror coletivo,

[1] Esse artigo foi escrito em maio de 2021 e revisado em julho do mesmo ano. Importante ressaltar essa questão pois acarreta o avanço do número de mortes em maio daquele ano, assim como a implementação

não apenas pelo vírus que apresenta seu caráter mortal, mas também pela atuação do chefe de Estado que desconsidera a doença, e trata o vírus do COVID-19 como uma «gripezinha»[2], nega a ciência e o investimento público no combate à pandemia mundial. Uma ação política ultraconservadora que naturaliza mortes, dissemina fake news[3], deslegitima a importância da vacinação da população e ignora ofertas na compra de vacinas, fazendo do Brasil um dos países com maior número de mortes pela COVID-19 em todo planeta[4]. A crise é iminente e não há indícios de que será interrompida pelos agentes do Estado.

Além disso, a situação que está posta para o mundo, coloca em evidência toda a desigualdade existente, produzida e administrada pelo capitalismo. A atual crise confirma que o sistema vigente é insustentável: econômica, social, cultural, política e biologicamente. O colapso da saúde mundial demonstra a necessidade de alternativas a essa expressão do neoliberalismo global, como por exemplo, a urgência de um sistema de infraestrutura internacional de saúde pública, programas de renda básica e reconhecimento do trabalho reprodutivo social, que foi escancarado em sua relação mais exploratória no contexto da pandemia.

Diante disso, este trabalho apresenta o caso vivenciado no Brasil como uma distopia nomeada de Brasil 17. A literatura e a filosofia, caracterizam distopias como enredos, geralmente ficcionais em uma sociedade imaginária de um futuro distante. No qual, o Estado tende a controlar de maneira opressiva e violenta a vida de indivíduos, em uma realidade intolerável. Mas o que nos referimos aqui não é sobre um futuro distante, nem uma sociedade imaginária, mas expressão da realidade concreta, exploratória do capital, em sua expressão mais inacreditável.

---

tardia da vacinação no Brasil. Em julho de 2021 temos apenas 17, 49% da população vacinada com as duas doses. Disponível em: https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/. Acesso em: 24 de julho de 2021.

[2] O presidente do Brasil, afirma em março de 2020 que não será uma "gripezinha" que irá derrubá-lo, se referindo a pandemia do COVID-19. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2020/03/20/em-meio-a-pandemia-de-coronavirus-bolsonaro-diz-que-gripezinha-nao-vai-derruba-lo.ghtml. Acesso em: 20 de julho de 2021.

[3] "Tão rápidas e destrutivas quanto o próprio coronavírus, as notícias falsas *(fake news)* têm prestado um grande desserviço no enfrentamento à pandemia, enquanto, na contramão, as campanhas de comunicação sobre a covid-19 caminham a passos lentos". (AGÊNCIA DO SENADO 2021). Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/05/desinformacao-e-fake-news-sao-entrave-no-combate-a-pandemia-aponta-debate. Acesso em: 20 de julho de 2021.

[4] O Brasil é o terceiro país com maior número de mortes em decorrência do COVID-19, atrás apenas dos Estados Unidos e Índia. No dia 24 de julho de 2021 foram registradas 548.420 mortes decorrentes da pandemia. Disponível em: https://www.trt.net.tr/portuguese/covid19. Acesso em: 24 de julho de 2021.

Distopias clássicas parecem ficar para trás com relação ao que vivem os cidadãos e cidadãs do Brasil no período recente, de maneira mais geral, pode-se dizer que o próprio capitalismo gera a sensação de estarmos em cenários dispóticos, uma vez que regula a vida em um alto grau, podendo ser considerado um sistema de morte, uma vez que a busca um lucro e acumulação para alguns, em decorrência da miséria e fome de muitos. Assim como, pelo fim da natureza e exploração da vida, os bens comuns, como a água e os recursos da natureza, são privatizados por grandes corporações, negando grande parte da população mundial o acesso aos meios de sobrevivência.

Esse contexto, cria narrativas paralelas com pretensão de matar a esperança, e a capacidade de revolta, a imaginação e a utopia de outro futuro possível, é um projeto político, e está em pleno funcionamento. O que aqui nomeamos Brasil 17, é fruto de um golpe político que atenta contra a democracia e que vem sendo construído especialmente a partir de 2016. O Brasil 17, é a narrativa de patriotismo, violência, medo instaurados pelo então presidente, eleito sob a sigla 17. O líder eleito no pleito de 2018, não cansa de insinuar que dará um golpe de estado e que, mesmo que não seja um general, ainda é um capitão reformado do exército brasileiro e que dá passos largos rumo ao autoritarismo.

Dito isto, este trabalho tem por objetivo indagar possibilidades de romper com a distopia do Brasil 17, e pensar os possíveis cenários e utopias que se apresentam como alternativas de resistência. Para refletir essa questão, olhamos para os levantes da América Latina como caminhos para uma transformação civilizatória, e que indicam uma resposta a partir da revolta política dos comuns. Baseada em relações de produção autônomas, renováveis e autossuficientes e em articulações políticas fundamentadas no fortalecimento de relações comunitárias e solidárias, espaços comuns de sociabilização, consumo consciente, trabalho colaborativo e mais diversas formas de viver no coletivo (TURINO, 2016). Para isso, buscamos, em um primeiro momento, compreender o que seria e como é formada a distopia Brasil 17, para pensarmos alternativas utópicas de superação das suas raízes nocivas, geradoras de contradições insustentáveis.

Brasil 17 – Na contramão dos sonhos e a morte da imaginação

Na semana que escrevemos este texto, o presidente da república, imitando o mundo de outrora, passeia de moto com seus apoiadores em um contexto em que

milhares de mortes ocorrem, segundo algumas matérias jornalísticas, o passeio do presidente custou aos cofres públicos 1 milhão de reais[5]. No presente momento, também é transmitido pela TV Senado do Brasil a CPI da COVID, já que mesmo diante do número aterrorizante de mortes no Brasil (ultrapassando 540 mil mortos), ainda não há políticas sérias e efetivas de vacinação. Faltam vacinas, e, também, os insumos que são necessários para produzi-las, falta dinheiro para pesquisa, já que o orçamento da União está preocupado com a recuperação da economia, e talvez com o «cancelamento dos CPF»[6] do seu povo, para que a previdência social, seja com mortes ou com reformas, diminua sua receita.

E não há dia em que não seja preciso nos perguntamos quando isso começou? Pois não há dia de paz para quem se importa com o outro. De todas as distopias da história da literatura, com certeza o Brasil 17, apresenta uma das faces mais cruéis. Onde há vigilância, perseguição e morte, mortes políticas e políticas de morte.

Mas é preciso colocar como questão: o que seria essa distopia, que denominamos aqui como Brasil 17? Será que começou em janeiro de 2019, ou mesmo antes? Talvez seus indícios estejam no ano de 2016, quando a primeira presidente mulher eleita sofreu com um golpe parlamentar que resultou em seu impeachment[7]. Ou em 2018, nas últimas eleições presidenciais, quando um candidato que representava um conjunto de retrocessos e ataques sociais foi eleito. Talvez, tenha começado até mesmo antes disso, com certeza, bem antes disso. E, para que possamos entender o que seria essa distopia precisamos também olhar para sua possível constituição.

O Brasil 17 vem se construindo de maneira histórica, e ganhou espaço novamente no poder ao longo desses últimos anos. Segundo Levitsky e Ziblatt, no seu texto «Como as democracias morrem» (2018) colocam, de uma maneira menos dramática, mas muito destrutiva, pelas mãos dos líderes eleitos. Se outrora o medo da morte da democracia se dava nas mãos de homens armados e golpes de estado, no Brasil 17, podemos dizer que

[5] Disponível em: https://politica.estadao.com.br/blogs/neumanne/mussolini-e-bolsonaro-de-moto-contra-a-lei/. Acesso em: 20 de julho de 2021.

[6] O presidente da república, Jair Bolsonaro, foi fotografado nos bastidores de um programa de TV segurando uma placa de "CPF Cancelado". Disponível em: https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/cpf-cancelado-piadas-e-golpe-de-estado-a-entrevista-de-bolsonaro/. Acesso em 24 de maio de 2021.

[7] Em agosto de 2016 foi articulado um golpe parlamentar com fim de encaminhar o processo de impeachment de Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil. Acesso em: 19 de julho de 2021.

ela vem morrendo diariamente, e que o projeto político da morte é muito bem delimitado pelo poder.

Na contramão dos sonhos[8] de justiça social, bem-estar e bem viver, o Brasil 17 mantém seus objetivos retrógrados, que favorecem as elites, especialmente as ruralistas, passando a boiada[9] enquanto o povo de Manaus morreria com falta de ar, sufocando[10]. O Brasil de Bolsonaro, apesar de criar muita indignação, nos rouba a capacidade de imaginação e de sonho do futuro, e talvez essa seja a maior arma desse contexto.

Período que é antecedido por uma medida que congela, o que o governo chama de gastos e nós chamamos de investimento, em educação e saúde por vinte anos[11], o Sistema Único de Saúde (SUS) se apresenta em iminente colapso, e, mesmo diante de uma pandemia mundial, se escancaram suspeitas de um esquema de corrupção em que o presidente manteria um orçamento paralelo para se sustentar intacto a um possível processo de impeachment[12]. Além disso, o presidente aumentou o seu salário e de alguns de seus ministros militares em até 69%, em meio ao atual epicentro da pandemia de COVID-19, e com trabalhadores e trabalhadoras ganhando auxílio emergencial de 150 reais, ou, sendo surpreendidos pela retirada abrupta do auxílio emergencial.

O contexto obriga a população a ir às ruas, utilizar o transporte público lotado, como meio de garantir a sua sobrevivência, diante de um contexto de iminente ameaça de morte de grande parcela da população, senão por infecção viral de SARS-COV2, pela fome ou o tiro destinado para corpos marginalizados. Assim, se aclara uma crise que não é apenas sanitária, mas política, econômica e social, uma crise que não teve início com a pandemia do COVID-19, mas antes disso, escancarada na pandemia e com o necessário isolamento social, nunca garantido para toda população, somente para uma porcentagem

---

[8] O título da seção faz referência ao texto de Rita Von Hunty, publicado em https://www.cartacapital.com.br/opiniao/nao-temos-nada-a-perder-a-nao-ser-os-nossos-grilhoes/. Acesso em 24 de maio de 2021.

[9] Ministro Ricardo Salles, do meio ambiente, durante reunião ministerial com o presidente, referindo-se ao afrouxamento das leis ambientais em benefício aos ruralistas e ao agronegócio. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml. Acesso em: 24 de maio de 2021.

[10] Manaus representa uma das cidades que passou pelo pior cenário da pandemia, com a falta de oxigênio nos hospitais. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/06/15/Manaus-sufocada-os-rumos-do-caso-mais-agudo-da-pandemia. Acesso em: 15 de julho de 2021.

[11] Aqui se trata da PEC 246/2016, imposta pós golpe parlamentar e impeachemant da presidenta Dilma Rousseff quando, seu até então vice-presidente Michel Temer (PMDB), tomou posse da presidência da república.

[12] Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/entenda-orcamento-paralelo-usado-por-bolsonaro-para-privilegiar-aliados-1-25012815. Acesso em: 15 de julho de 2021.

irrisória, enquanto a grande maioria seguia se expondo para garantir o conforto e o enriquecimento de outros.

Ao refletirmos esse contexto, adentramos uma clarificada banalização da morte, onde pessoas são mais descartáveis do que o risco do lucro diário. Isso não é um acaso, mas membrana na lógica produtiva do capital, que se expressa em sua forma mais contraditória diante de tal contexto de crise. Ao falarmos sobre o atual momento estamos falando de um iminente fracasso do sistema neoliberal e capitalista, resultado de um projeto edificado ao longo dos séculos e que se apresenta em sua forma individualista e individualizante neoliberal. Segundo Casara (2021):

> A crise global, sanitária e social provocada pela Covid-19 em 2020 revelou as consequências das políticas econômicas neoliberais de décadas anteriores sobre corpos vivos. A opção política e ideológica por processos de privatização e desmantelamento dos sistemas nacionais do cuidado e atenção à saúde produziu mortes e potencializou o sofrimento da população. A aproximação entre neoliberalismo e necropolítica tornou-se ainda mais evidente.
>
> O modo neoliberal de compreender e de atuar no mundo passa necessariamente por decisões que autorizam a morte. Porém, grande parte da população permanece sem compreender a relação entre o crescimento do número de mortos e opções políticas condicionadas pelo neoliberalismo. Isso porque foi construída uma espécie de véu sobre os mecanismos de sociabilidade, de produção e de reprodução do capital e da vida, bem como sobre as opções políticas neoliberais, que passaram a ser vistos como naturais e inevitáveis (CASARA 2021: 25).

No mesmo passo que o vírus atinge a todos, o sistema delimita quem tem direito ao isolamento social e quem deve manter o lucro diário da produção capitalista, assim, as mortes no Brasil, como em outros países, ganham endereço e atinge principalmente aqueles/as que precisam se expor diariamente. Os moradores do Brasil 17 morrem, mas nem todos pelo vírus, alguns morrem pelo descaso do poder público, enquanto outros convocam seus iguais a viajarem para Nova Iorque, cidade que anunciou a vacinação dos turistas[13]. Quem são estes que podem viajar e garantir sua vacinação?

O momento atual é historicamente antecedido por 16 anos de um governo democrático popular, do Partido dos Trabalhadores. O qual, por nenhuma de suas políticas públicas chegou nem perto de romper com o capital, mas, minimamente garantiu uma certa ampliação no acesso da classe trabalhadora à serviços públicos. Mas

[13] Disponível em: https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/05/roberto-justus-sobre-ser-vacinado-em-miami-quanto-mais-brasileiros-tomarem-vacina-nos-eua-melhor.html. Acesso em: 12 de maio de 2021.

foi também, transpassado e derrotado pela narrativa de que precisamos empreender por si e que o Estado não deve promover àqueles que não são merecedores. O discurso de liberdades individuais se mantém presente, e, também, acompanhou a campanha do atual chefe de Estado, seguido de um discurso de valores tradicionais, e de libertação do Brasil de uma "ameaça comunista". Com implicação no atual contexto, com mais de 540 mil mortos pela pandemia.

Pode-se argumentar que, o atual líder do Brasil 17, ao proliferar notícias falsas sobre tratamentos precoces, não comprovados cientificamente, a recusa em negociar vacinas, como a rejeição da compra de 70 milhões de doses segundo o laboratório Pfizer[14], contribuiu em grande escala para o momento que vivenciamos atualmente. Há quem diga que o Brasil não tem um presidente, ou há um desgoverno. Pensamos, ao nos depararmos com essas afirmações, o quanto isso despolitiza as ações políticas em curso, pois, existe um presidente, ele foi eleito e ele está no poder. Então há sim uma política, e ela é a de morte. Como colocado por Casara (2021):

> Naturaliza-se o absurdo, mesmo quando o horror parece estar perto demais. diante de tanto sofrimento evitável, constata-se uma inércia que, em princípio, soa incompreensível. O caos parece reinar em meio a crença generalizada de que não existem alternativas. As pessoas, mesmo percebendo que há algo de errado, não sabem como agir para fazer diferente. Aliás, parecem ignorar que é possível fazer diferente. Enquanto isso, o indivíduo sente-se autorizado a deixar-se levar pela corrente em busca da felicidade possível: a mercadoria que pode ser adquirida, a derrota dos adversários e a obtenção do lucro, custe o que custar. A ilimitação tornou-se a regra: instaurou-se uma espécie de vale - tudo, no qual tudo e todos podem ser negociados ou destruídos (CASARA 2021: 23).

Pensando sobre como o neoliberalismo gerencia suas ações, pode-se dizer que assim como as ações do líder político, as políticas neoliberais que configuram a distopia do Brasil 17 são ameaçadoras, já que é um projeto político que visa acabar com a solidariedade, restabelece as novas condições de acumulação do capital, enfraquece o poder social e restaura elites econômicas (HARVEY 2008) em detrimento da vida de milhares de trabalhadores que são levados a acreditar que, sua falta de empenho, dedicação e entusiasmo são responsáveis pelo seu fracasso. Se tem uma coisa que o

[14] Disponível em: https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml. Acesso em: 20 de julho de 2021.

capital tem feito com êxito é esfacelar o trabalho organizado, fazendo com que a classe dominante tenha garantidos seus privilégios. Segundo Dardod e Laval (2017) esse momento, expressa:

> (...) um novo sistema de normas que se apropria das atividades de trabalho, dos comportamentos e das próprias mentes. Esse novo sistema estabelece uma concorrência generalizada, regula a relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros segundo a lógica da superação e do desempenho infinito. (...) Estamos na época do *cosmocapitalismo*, no qual, muito além da esfera do trabalho, as instituições, as atividades, os tempos de vida são submetidos a uma lógica normativa geral que os remodela e reorienta conforme os ritmos e objetivos da acumulação do capital (DARDOD; LAVAL 2017: 17).

Vivendo na distopia Brasil 17, que mata nossa capacidade de imaginação com os seus ataques diários ao seu povo, a negação, e a soberba de seu líder, que, em cima de mais de 540 mil cadáveres, lambuza-se de leite condensado[15] e demonstra de todas as formas possíveis que seu patriotismo só serve ao país imperialista do Norte para o qual bate continência. Diante disso, afirma-se necessário, olhar para os lados, para nossos vizinhos, que se levantam em meio ao caos para dizer que não devemos aceitar a morte da utopia e da esperança. No Chile, na Colômbia, na Argentina, o povo sai às ruas e reacende a capacidade de indignação diante da morte. É na capacidade de indignação que renasce a imaginação utópica de outro mundo possível.

A partir desse cenário distópico do Brasil 17, que ao olhar os levantes da América Latina frente ao neoliberalismo e as políticas de austeridade de seus governos de direita, que nas suas articulações em redes de solidariedade internacional, de comunhão entre as pessoas e revivendo o senso de comunidade que conseguimos imaginar outro horizonte possível. É preciso olhar do Sul para o Sul e erguemo-nos juntas e juntos.

A América Latina se levanta – da indignação ao reencatamento do mundo

O levante dos movimentos sociais na América Latina, frente ao avanço das políticas neoliberais e do autoritarismo de governos de direita, se apresenta como possibilidade política também no contexto brasileiro, como uma utopia presente na construção da luta pelo comum e possibilidade de outro mundo possível, surgimento de

[15] Disponível em: https://istoe.com.br/governo-bolsonaro-gasta-15-mi-com-leite-condensado-em-2020/. Acesso em: 21 de julho de 2021.

uma nova forma de enfrentar o capitalismo, ou mesmo de considerar sua superação (DARDOT; LAVAL 2017). Nas últimas décadas as mobilizações e rebeliões populares, como as de indígenas equatorianos e bolivianos, foram bases para propostas revolucionárias, e colocam na centralidade das lutas um mundo possível e que foi marginalizado pela história (ACOSTA 2016).

Por utopia, compreendemos uma forma de estar e construir o mundo como princípio da esperança. A utopia é o que nos faz humanos, e nos faz perceber que o real não está de acordo com o que desejamos, e, ao perceber isso, a construção utópica de futuro passa pelas lutas sociais que surgem para romper com a lógica de exploração atual, que reivindicam o comum como nova forma de contestar o capitalismo, ou considerar sua superação em que o comum se tornou um conjunto de práticas, lutas, pesquisas que abrem caminho para um futuro não capitalista (DARDOT; LAVAL 2016).

É a partir desse entendimento sobre a utopia, como recurso da esperança, que tomamos o contexto dos levantes populares ocorridos atualmente na América Latina contra as austeridades de seus governos negacionistas e direita conservadora enquanto alternativa diante do caos atual. E, apontamos para a constituição da política dos comuns como possibilidade de imaginação capaz de criar o reencantamento do mundo como uma utopia global possível.

Já se passaram meses desde que o mundo entrou no que se convencionou chamar de “novo normal”. A pandemia do coronavírus escancarou as desigualdades produzidas há décadas pelo neoliberalismo. Escrever nesse contexto tem sido difícil e complexo, já que é necessário (re)ordenar e atualizar leituras, conjunturas e contextos políticos, sociais e culturais, diante da deslegitimação do conhecimento científico. Além disso, estar no Brasil de 2021, dá a sensação de se estar no pior lugar do mundo (não hierarquizando as desigualdades, mas no sentido de sentimentos com relação ao contexto diário).

Inserido em um mundo globalizado, afetado por uma crise que demonstra a necessidade de uma mudança urgente, sendo insuficiente apostar em reformas, já que essas expressam apenas um modo de perpetuação de uma lógica exploratória e assassina de grande parcela do povo. No Brasil, reformou-se a previdência, as leis trabalhistas e agora a administração pública, mas todas as reformas seguem a lógica de um programa que tira direitos das pessoas, e admite uma aberta caracterização de manutenção da ordem e controle de atuações sociais.

Não é só no Brasil e não é a partir de 2021 que ideias neoliberais, conservadores, religiosos e discursos que defendem e incentivam as liberdades individuais, e o empreendedorismo de si, como alternativas fundamentais para a superação das dificuldades, são apresentados enquanto verdades universais e inabaláveis. A extrema direita subiu ao poder nos últimos anos pelos processos democráticos de eleições e a cada pleito, um novo choque: xenofobia, neofascismo, racismo, nacionalismo branco, famílias tradicionais (no caso do Brasil, quase uma família inteira no poder)[16], conservadorismo religioso e ataques aos movimentos sociais. A direita assim, vem assumindo a máquina estatal e ignorando políticas de direitos humanos e tratados internacionais assinados para garantir direitos nos campos da sexualidade e da reprodução, transformando movimentos sociais em inimigos políticos e utilizando discursos de ódio e palavras-chave como "marxismo cultural" e "feminismo radical" contra a luta das minorias sociais (BIROLI; MACHADO; VAGGIANE 2020). Aqueles que lutam, e já não importa aqui sobre o que lutam ou a radicalidade da luta, são todos/as enquadrados sob a mesma pecha: interventores e vagabundos. Do mesmo modo que, qualquer crítica ao governo é desqualificada, a partir de princípios antidemocráticos, que mobilizam a estrutura ideológica do poder.

O neoliberalismo converte o caráter político da democracia em econômico, e sua ascensão permitiu que surgissem forças antidemocráticas, que segundo Brown (2019) são inéditas. Estas forças fazem com que às esferas sociais sejam atacadas, utilizando três estratégias, que são a (i) empreedendorização dos sujeitos, (ii) a desproletarização e (iii) a redução dos investimentos sociais que,

> dentre as realizações neoliberais mais impressionantes estão o desmantelamento epistemológico, político, econômico e cultural da sociedade de massa em capital humano e unidades familiares econômico-morais, juntamente com o resgate tanto do indivíduo quanto da família no momento exato de sua extinção (BROWN 2019: 51).

Isso mostra como o discurso do neoliberalismo se tornou hegemônico, e como aponta David Harvey (2004), ele se constituiu assim disseminando-se pelos modos de pensar e pelas práticas político-econômicas a ponto de ser incorporado ao senso comum com o qual interpretamos, vivemos e compreendemos o mundo. Para isso, é necessário

[16] Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/em-28-anos-cla-bolsonaro-nomeou-102-pessoas-com-lacos-familiares-23837445. Acesso em: 15 de julho de 2021.

construir um aparato conceitual que se demonstra quase 'natural' para nossas intuições e relações, valores e desejos, bem como para as possibilidades que pareçam estar inseridas no mundo social que habitamos (HARVEY 2007).

O capitalismo se infiltra no subconsciente e coloniza os sonhos da população criando uma "pré-corporação" que formata sonhos, desejos, aspirações e esperança. A doutrina de Margareth Thatcher nos anos 80, nos disse que não havia alternativa e a privatização de nossa esperança, e a exaustão do futuro nos priva do passado (FISCHER 2020). E perguntamos, diante da exaustão do neoliberalismo, como é possível imaginar uma alternativa a esse mundo?

É preciso um movimento de reimaginar e reconstruir a estrutura social. Nesse sentido, conforme nos aponta David Harvey (2004) que devemos ter ideais utópicas, apoiadas no real e capazes de apontar trajetórias diferentes para os desenvolvimentos humanos desiguais, na busca por utopismo na condição de "arquitetos rebeldes", possíveis promotores de uma política regeneradora. Nesse sentido, o autor pensa que o utopismo pode criar "espaços de esperança", em que possamos estar-sendo-no-mundo, e conhecendo a realidade possamos nos "pro-jetar", ir adiante e criar outros futuros, a partir da imaginação e da esperança. Nas palavras de Paulo Freire: O utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico (FREIRE 1980: 27)

Ainda há esperança, na América Latina, o povo se levanta contra as austeridades dos seus governos. Na Colômbia, no Chile, na Argentina, pessoas estão saindo às ruas, porque, como estava escrito em um dos cartazes das manifestações em Calí, "*si un pueblo protesta y marcha en medio de una pandemia, es porque su gobierno es más peligroso que el vírus*"[17]. Nos últimos meses, movimentos na América Latina ganham destaque contra as ofensivas neoliberais e de direita, como as eleições na Bolívia, um ano após o golpe contra o governo de Evo Morales, por exemplo, o plebiscito que ocorreu no mês de outubro de 2020 no Chile, que garantiu a assembleia constituinte que vai escrever a nova constituição, abdicando da Carta Magna promulgada nos anos 80 durante a ditadura de Augusto Pinochet, essa representa o primeiro momento, na história de um

[17] Disponível em: https://www.cinegri.com/post/entre-a-justi%C3%A7a-e-o-necrot%C3%A9rio. Acesso em: 23 de julho de 2021.

país que se garantirá a equidade de gênero na votação, e pretende em 2022, a aprovação do texto através de consulta popular.

Na Colômbia, há mais de um mês, as ruas principais das cidades estão cheias de pessoas contra o avanço neoliberal das políticas de Iván Duque, com sua proposta de reforma tributária que atingia a classe trabalhadora. A ação das mobilizações sociais foi reprimida com força policial que matou pelo menos 40 pessoas, além de vários e várias outras feridas. Os protestos fizeram o presidente recuar de suas medidas e o ministro da economia deixar o cargo.

Outro exemplo são as greves de mulheres que surgem na Argentina, e em 2017 ganham força transnacional de luta contra a violência de gênero. Desde março de 2015 o coletivo *Ni Una a Menos*[18] convoca mulheres na Argentina e América Latina para manifestações contra violência de gênero, e em outubro de 2016, com o assassinato de Lucia Pérez[19], na Argentina um grande chamado foi realizado para uma greve: *Nosotras Paramos*[20] e inicia-se o movimento de greve de mulheres convocado para o dia 8 de março de 2017. Esta greve não foi um evento isolado, vem sendo construída em um processo que continua aberto e se converteu em uma ferramenta capaz de impulsionar internacionalmente o movimento feminista de maneira inédita. Transformando a mobilização contra os feminicídios em um movimento radical, massivo e capaz de politizar de forma inovadora a aversão às violências (GAGO 2020). As greves feministas se apresentam como um instrumento político de insubordinação ao capitalismo neoliberal que produz violências, articulam gênero, raça e classe em uma abordagem multidimensional que cria ecossistemas de conexões, e coloca em evidência as redes de opressões concretas e subjetivas que tecem as teias das opressões e das discriminações (VERGÈS 2020).

Assim as ações coletivas demonstram a sua força de romper com a despolitização imposta no atual contexto, as mobilizações buscam uma repolitização de contextos de extrema intimidação social, e rompem com um consentimento imposto. As ações sociais são travadas em um sentido de reivindicar contextos e de abrir caminhos para novos horizontes, onde a morte não seja sinônimo de controle social. Como Fernandes coloca:

[18] Disponível em: http://niunamenos.org.ar/ Acesso em: 15 de maio de 2021.
[19] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37692722 Acesso em: 15 de maio de 2021.
[20] Disponível em: http://niunamenos.org.ar/manifiestos/nosotras-paramos/.Acesso em: 20 de maio de 2021.

Repolitizar ou politizar de novo, no entanto, é um assunto muito mais complicado. Tal processo se relaciona com os processos dialéticos entre consciência e prática do sujeito coletivo em relação, por sua vez, às estruturas e superestruturas que compõem e governam o *status quo* (FERNANDES 2019: 32).

A constituição de comuns e da solidariedade como potência transnacional utópica, pode criar um contexto que resiste à dominação, e coloca como tarefas coletivas, a construção de uma matriz epistemológica, que intersecciona as opressões de raça, classe e gênero, e que seja um contraponto de resistência múltipla a opressões múltiplas. Acabar com a hierarquização das lutas fundada em uma escala de urgência, para apreender o modo pelo qual a produção e a reprodução social se articulam historicamente (VERGÉS 2020).

Segundo Federici (2021) "comuns" é um termo que é enunciado no plural porque reconhece a existência de diversas trajetórias históricas e culturais e a multiplicidade de resultados compatíveis com a abolição da exploração. No Sul Global, existem movimentos que buscam a reconstrução dos comuns como uma política alternativa ao mundo neoliberal, como por exemplo das mulheres e de um ponto de vista feminista como o das comunidades de panelas (as panelas comuns) que as mulheres criaram no Chile e Peru, nos anos 1980, quando, devido à forte inflação, não conseguiam mais fazer as compras sozinhas (FISHER 1993; ANDREAS 1985).

A produção dos comuns requer uma profunda transformação na vida cotidiana em que é preciso recombinar aquilo que o capitalismo separou. Assim, o uso do termo "comuns" pode ser adotado para pensar no surgimento de uma nova forma de contestar o capitalismo, ou mesmo considerar sua superação (DARDOT; LAVAL 2017). Os comuns nesse sentido, se tornou a designação de um regime de práticas e lutas que se abrem para um futuro não capitalista, propondo a comunhão de práticas e formas de ação. Os comuns representam uma forma embrionária de uma nova sociedade (FEDERICI 2021). O comum é um princípio político e, como tal se opõe à racionalidade neoliberal já que ele busca coletivamente formas democráticas novas em que continuemos a falar de bens comuns como palavra de ordem da luta, em que os comuns devem ser instituídos (DARDOT; LAVAL 2017).

Os levantes que tomam as ruas da América Latina, contra as ofensivas neoliberais, os combates a favor da democracia "real", dos direitos reprodutivos, contra o

autoritarismo institucional do Estado, a primavera dos povos, a Maré Verde, o "Ele Não", são lutas políticas e que obedecem à racionalidade política do comum, são buscas coletivas de formas democráticas novas (DARDOT; LAVAL 2017). Existe uma oportunidade de imaginar outros mundos, de viver outro mundo construído coletivamente para uma nova forma de vida, sem exploração de grupos humanos e existência de grupos privilegiados. A política dos comuns é a comunhão de práticas e formas de ação.

Considerações Finais

O grande desafio nesse contexto, além da resistência diária assentada em uma sobrevivência social diante da ampla ameaça exposta, é a esperança, o ato de esperançar outros futuros, que nos parecem obscuros, pois os fizeram para nós obscuros e distantes, em diferentes sentidos. Não é de hoje que esperançar é um desafio exposto, mas certamente, em momentos de acirrada ameaça política e social, esse ato *práxico* de construir esperança se torna desafiador. Como Paulo Freire (1987: 58) coloca, as situações limites geram uma desesperança aos sujeitos, como algo que não é possível de ser ultrapassado, mas conforme sua percepção crítica se desenvolve, os sujeitos também constroem a esperança de superação dessas situações-limites.

Diante de tais situações-limites, não findadas em apenas um contexto social, mas que refletem uma ofensiva internacional advinda do atual estágio do capital, a resistência também precisa ser, nesse sentido, proporcional ao nível de ofensiva. Uma resistência que só é possível por meio da organização da luta política, a qual não se finaliza em determinado setor ou localização, mas exige uma organização internacional, na construção de uma ação solidária entre diferentes povos, que em comunhão constroem a luta pela sua liberdade (FREIRE 1987).

A solidariedade se demonstra assim, mecanismo dessa ação, enquanto algo que não se esgota em uma luta pontual, mas transpassa diferentes contextos, os quais exigem a construção de utopias possíveis, no sentido de organização da resistência. Para romper limites impostos, os sujeitos precisam construir possibilidades políticas, crenças e utopias acerca de futuros possíveis.

Ao longo deste texto buscamos apresentar uma alternativa vinda do levante do Sul Global com intuito de pensar a construção de uma solidariedade enquanto política transnacional que apresenta aos sujeitos a possibilidade de construção de outros contextos. A partir de utopias e da constituição da política dos comuns é possível, enquanto expressões da resistência, as quais foram apresentadas nesta reflexão por meio das ações coletivas que assumem uma não conformidade com contextos políticos que colocam a desesperança como única possibilidade. Frente a isso, a construção da luta se apresenta enquanto um traçado de construção utópica da realidade, no sentido de atrever-se a sonhar e construir coletivamente outras possibilidades.

Por meio da luta coletiva, que não se esgota em um contexto, mas transpassa uma organização política internacional, que é possível visualizar o rompimento e a superação da distopia vivenciada no contexto do Brasil 17. As experiências de luta e os levantes populares da América Latina expressam a possibilidade política de sonhar e acreditar em outros contextos, e materialmente essa utopia constitui a ação coletiva e a resistência organizada também no Brasil.

REFERÊNCIAS

ANDREAS, Carol. *When Women Rebel: The Rise of Popular Feminism in Peru*. Westport, CT: Lawrence Hill & Company, 1985.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%* Um Manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.

BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. *Gênero, neoconservadorismo e democracia.* São Paulo: Boitempo, 2020.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Politéia, 2019.

CASARA, Rubens. *Contra a miséria neoliberal: racionalidade, normatividade e imaginário*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum:* ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela, KLEIN, Naomi. *Construindo movimentos* [recurso eletrônico]: *uma conversa em tempos de pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial.* São Paulo: UBU Editora, 2020.

FEDERICI, Silvia. *O patriarcado do salário: Notas sobre Marx, gênero e feminismo*. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERNANDES, Sabrina. *Sintomas Mórbidos.* São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FISHER, Jo. *Out of the Shadows: Women, Resistance and Politics in South America.London*. London (UK): Latin American Bureau, 1993.

FISCHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 1980.

GAGO, Verônica. *A potência feminista ou o desejo de transformar tudo*. São Paulo: Elefante, 2020.

HARVEY, David. *Espaços de Esperança.* São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. «Neoliberalismo como Destruição Criativa». *Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente* - v. 2, n. 4, 2007.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem.* Rio de Janeiro: Zahar, 2018.